

Palavra e identidade em Mia Couto

Fernando Alberto Torres Moreira

Doutor em Cultura Portuguesa

Centro de Estudos em Letras / UTAD – Portugal

fmoreira@utad.pt

Mia Couto assume a palavra como a possibilidade de se nomear o mundo pela primeira vez e a palavra escrita (ou a leitura) permite ao escritor uma intervenção específica no quadro da construção da identidade moçambicana, seja pela criação de novos vocábulos que nomeiam novas realidades culturais, seja pela importância atribuída à palavra enquanto elemento fundacional de uma cultura.

Pretende-se, com este estudo, reflectir sobre a palavra criadora e fundadora da nova realidade cultural e identitária moçambicana na obra de Mia Couto, em particular em *O último voo do flamingo* e *Jesusalém*.

Palavras-chave: Palavra; Identidade; Mia Couto

"[Identidade é] uma espécie de abrigo virtual ao que é indispensável referir-se para explicar um determinado número de coisas, sem que este abrigo jamais tenha uma existência real".

Claude Levi-Strauss (1977), *L'identité*. Paris, PUF, 332.

Mia Couto encara a palavra como a possibilidade de se nomear o mundo pela primeira vez. Não raro, quer nas entrevistas que concedeu, quer mesmo nos textos que produziu, o autor reflete, insistentemente, nesse lado demiurgo do escritor e toma para si "(...) o gosto do poder divino da palavra" (COUTO 2009: 115), uma palavra de uma língua, a portuguesa, que em contexto periférico (leia-se África sub-saariana, oriental) "(...) tem de lutar para não ser silêncio". (Idem: 15)

Na sua reflexão/missão sobre a palavra criadora e fundadora de uma nova realidade cultural e identitária de Moçambique, Mia Couto tem consciência do potencial único que os escritores moçambicanos detêm (e a conseqüente felicidade)de, historicamente, poderem criar/encenar a ficção de si mesmos enquanto agentes e depósitos da própria História e serem "fazedores de futuro" e de, epicamente, criarem um espaço que seja deles. (Ibidem: 116)

Não é uma missão sem espinhos e Mia Couto conhece o desafio que tem, particularmente, pela frente, porque consciente da realidade e do grau de dificuldade da missão que se impôs: ele sabe bem que "cada homem é uma nação feita de diversas nações" (Idem: 25), que a 'nação oralidade' vive ocultada pela 'nação escrita'. Na sua ideia de homem plural que fala uma língua plural, Mia Couto objectiva a necessidade da sua novel nação construir um idioma que sedimente o lugar e estructure a raiz identitária, mas que, por outro lado, ganhe asas para um voo de pluralidade cultural que o mundo globalizado de hoje exige. Por isso o autor pergunta e responde com desassombro:

*De onde vem a dificuldade em nos pensarmos como sujeitos da História?
Vem sobretudo de termos legado sempre aos outros o desenho da nossa
própria identidade. (COUTO 2009: 31)*

sabendo, no entanto, que a essência do homem, neste século XXI, é a convivência "(...) com diversos eus, diversas pessoas reclamando a nossa identidade". (Idem: 94)

É aqui que entra a palavra, a palavra portadora de história(s) que precisa(m) de ser contada(s), exposta como via única e inultrapassável para a reclamação dessa identidade comum e diferenciadora, a palavra auto-referenciadora e anunciadora de genes particulares que permitem, a cada um e a todos, ao serem donos das palavras, serem mais donos da sua existência. (Ibidem: 103)

Neste trabalho de afirmação/exposição da existência, outras identidades, outros corpos, outras vozes se fazem ouvir (Idem: 107) e, no caso moçambicano, o desafio maior será "(...) ensinar a escrita a conversar com a oralidade (Ibidem: 109) e assim evitar que esta seja eliminada porque se sabe que, mais do que qualquer outro traço do indivíduo, é a oralidade que carrega as marcas da sua identidade; é nela que reside o conhecimento, o lastro ancestral do sujeito, é por ela que a tradição mostra ao mundo global quanto o local é fundamental para aquilo que somos e quanto é possível preservar as peculiaridades de cada um no quadro do processo de transculturação que hoje vivemos e que faz com que, como já se disse, as identidades sejam plurais.

Russel Hamilton notou, há uns bons anos, este esforço de diminuição da tenção entre a oralidade e a escrita, de tentativa de fixação da oralidade pela escrita por parte de Mia Couto:

Em Moçambique há tentativas de transmitir vários aspectos da oralidade através da palavra escrita, resultando num tipo de fragmentação, como é o caso de Mia Couto (..) que reduz um discurso escrito cuja dinâmica simula a oralidade, não simplesmente no papel, mas também no espaço, sugerindo imagens visuais e acústicas. (HAMILTON 1998: 5)

O ensaísta dá expressão analítica àquilo que o autor definiu como um dos seus objectivos de escrita, a saber, "Meu desejo é desalisar a linguagem, colocando nela as quantas dimensões da vida." (COUTO 2007: 1)

José Craveirinha definiu, num prefácio a uma reedição de *Vozes Anotecidas*, o homem-escritor como "testemunha activa e consciente, sujeito também do que acontece e como acontece." (CRAVEIRINHA 2007: 9-12) Mia Couto toma para si esta missão e, na esteira de um Stuart Hall cujas palavras corporiza e interpreta como poucos, sabe que

(...) uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto as nossas acções quanto a concepção que temos de nós mesmos [e que] as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre 'a nação', sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. (HALL 2005: 50-51)

Esta construção de identidades por parte de Mia Couto é costurada, particularmente, por uma simbiose entre a oralidade (tradição) e a escrita (modernidade) num balanço constante em que o intervalo entre ambas carece de ser cerzido em contínuo, sabendo que, na elaboração de um novo paradigma, a reinvenção da identidade cultural, por meio do resgate e das tradições, passa por saber que isso não conduz à recuperação da primeira, fundada, como estava, em formas de representação e significação imutáveis e estáveis até porque, como bem observou Boaventura Sousa Santos, "as identidades culturais não são rígidas nem muito menos, imutáveis. São resultados transitórios fugazes do processo de identificação." (SANTOS 1997) Querendo a preservação da memória moçambicana, Mia Couto vale-se de um artifício de recriação da palavra, da linguagem, a partir da oralidade e faz aquilo que certamente notou Rejane Vecchia ao concluir que "a palavra [na linguagem poética] deve ir além do conceito, conotando mais do que denotando" (VECCHIA 2002: 496), num trabalho de maximização da carga significativa da palavra.

Talvez por isso o narrador de *O último voo do flamingo* diga que "cada coisa tem direito a uma palavra. Cada palavra tem o dever de não ser nenhuma coisa" (COUTO 2004: 139) e este é o pano de fundo em que se funda Mia Couto para desenvolver, linguisticamente, um labor de escrita que Ana Mafalda Leite considerou como de "(...) proximidade maior com a captação de 'vozes' do português oral moçambicanizado" (LEITE 1998: 44), um trabalho de amálgama lexical a partir de palavras pré-existentes no português padrão ou da variante moçambicana da língua. Por isso Mia Couto escreveu, parafraseando Pessoa e respondendo/antecipando alguns reparos à sua escrita, que " a minha língua portuguesa, repito a *minha* língua portuguesa, é a pátria que estou inventando para mim." (COUTO 2009: 196)

É sabido que a língua portuguesa, no quadro multicultural moçambicano, desempenha uma função de unidade nacional que se tem amplificado por via da sua constante recriação, moçambicanização, depois de ter sido peça fulcral de resistência ao colonialismo; com a sua língua portuguesa, com a palavra feita identidade, Mia Couto

instaura-se como um dos intérpretes incontornáveis no processo de edificação da identidade cultural moçambicana, não só pela expressiva força criadora (e sedutora) da sua palavra, como também pela estratégia utilizada que aposta no diálogo construtivo entre as diversas identidades desse mosaico cultural que é Moçambique. A esta estratégia de actuação chamou Lúcia Barbosa de "(...) uma espécie de (re)nacionalização da língua portuguesa na sua manifestação moçambicana, cujo resultado será uma escrita com criações lexicais e sintácticas inesperadas que irão culminar em efeitos poéticos notáveis" (BARBOSA: 30): é a criação linguística ao serviço da cultura, da construção de uma identidade; é criar, pela palavra, o espaço autónomo da moçambicanidade porque, tal como refere Ana Mafalda Leite, "ser moçambicano (...) equivale a partilhar cultura e origens diversificadas, que confluem no Índico, e em terra moçambicana se encontram, renascidas, bantuizadas, travejadas de uma memória, que a viagem, e a história, refundem, em iniciático baptismo, na nova nação." (LEITE 2003: 155)

Os romances de Mia Couto são um conjunto de representações sobre a pluralidade identitária da sociedade moçambicana, uma sociedade com uma multiplicidade de interesses sobrevivendo á tona da água pelos efeitos da guerra civil que recolocou a questão "Quem somos nós?", uma pergunta que se julgava respondida (ou a não precisar de resposta) na luta pela independência. São, segundo Maria do Carmo Ferraz Tedesco, novas contra-narrativas que, diferentemente das que exprimiam os objectivos das lutas de libertação, reflectem os acontecimentos pós-independência, particularmente as relações culturais (TEDESCO 2008: 201) e se assumem enquanto processos de interacção e reiteradas traduções culturais e apropriação de sentidos, se seguirmos a via interpretativa de um Stuart Hall. (HALL 2006: 33)

Pode-se, em consequência, afirmar que os romances de Mia Couto pensam a identidade nacional moçambicana e fazem-no sob a protecção da cultura popular oral numa lógica estratégica de contar histórias, assumindo a oratura como uma das suas marcas, como uma das formas de representação da pluralidade das práticas culturais da sociedade moçambicana, assumindo a fractura e o risco que determina a passagem da oralidade para a escrita. Daí que as suas personagens, de forma combinada, representem um sem número de influências e diversidades identitárias que ora convivem ora se debatem harmoniosa ou conflitualmente construindo, desse modo, o hibridismo da identidade moçambicana que resulta do convívio secular de diversas culturas, do país ser uma varanda virada para o Índico:

Negros e indianos que se identificam nas experiências sociais ou que se estranham em atitudes discriminatórias, brancos que há muito negaram a sua ocidentalidade vivem pluralmente a cultura local, negros que convivem com outros negros de culturas diferentes de formas harmoniosas ou conflituosas. (TEDESCO 2008: 201)

Se Samora Machel, num dado momento histórico, pôde dizer "Morra a tribo, para que nasça a nação" (MAGALA 1995: 105), depois da obra de Mia Couto (e também de outros escritores) será caso para dizer "Vivam as tribos, para que exista a nação".

Se *Terra Sonâmbula* é um texto de procura de identidade, como o próprio Mia Couto o define, *O Último voo do flamingo* é, no acto simbolicamente representado pelo lançamento de um pássaro de papel para o abismo, um reinvestimento na palavra que é o "mágico reinício de tudo", (COUTO 2004: 230) logo da mesma identidade. Num cenário

em que "O povo andava bastante confuso com o tempo e a actualidade" (UVF 26), a história de Tizangara e do seu povo é uma tradução "em português visível [que] só pode ser contada por palavras que ainda não nasceram" (UVF 11), de acordo com o que o tradutor/narrador deixa expresso no *incipit* que antecede a narração. Na verdade, este tradutor cuja personalidade se cola bem ao romancista Mia Couto, ele próprio um tradutor de mundos assumido, vive na intermediação do mundo da oralidade e da escrita, o mundo de Tizangara e o mundo europeu, realidades bem diferentes e maiormente intraduzíveis. Foi preciso criar, inovar, pois, por vezes "nem palavra havia na língua local [prostituta] para nomear tal criatura" [Ana Deusqueira, a prostituta] e, mesmo quando o problema não era a falta de palavras, quando o problema não era a língua, era mister encontrar palavras certas para entender aquele mundo, o que deixava Massimo Risi, o representante da ONU chamado a deslindar as misteriosas explosões que vitimavam os Capacetes Azuis, à beira de um ataque de nervos: "Eu posso falar e entender. Problema não é a língua. O que eu não entendo é este mundo daqui." (COUTO 2004: 42) Na realidade, Massimo Risi estava mais equivocado do que pensava porque este seu convencimento inicial estava errado à partida; como bem lhe lembrou e explicou o velho Sulpício, pai do tradutor e no qual este via "(...) uma raça inteira sentando o seu tempo contra o tempo dos outros" (COUTO 2004: 138), "você quer entender o mundo que é coisa que nunca se entende." (Idem: 48)

Frases, provérbios, expressões idiomáticas, simples palavras do português europeu são por Mia Couto trabalhadas criativamente imprimindo-lhes uma grande expressividade conseguida por trocadilhos, trocas de palavras que, mesmo assim, convocam por oposição ou semelhança, a expressão da palavra primitiva, da frase primitiva. A isto se soma o efeito estilístico conferido a esse trabalho da palavra por uma dinâmica coloquial que se filia no discurso oral, na oralidade. O mesmo se diga dos neologismos que surgem isoladamente no texto, cuja principal característica é o seu carácter de verosimilhança, seja pelo processo de formação, seja pelo resultado semântico final, ao qual não é alheio o ambiente rítmico criado pelas novas combinações sonoras.

Na realidade, o trabalho de Mia Couto com a palavra vem demonstrar que a língua portuguesa, enxertada com elementos de outras línguas e com marcas de uma tradição oral outra, pode exprimir uma realidade identitária, uma realidade cultural que, originalmente, nada tem a ver com ela.

De modo sintético e claro, Luís Manana Sousa expõe esse trabalho de alquimista da palavra levado a cabo por Mia Couto:

O autor escreve num estilo de carácter oral com frases curtas e aliterações, recorrendo a onomatopeias e a um uso criativo das palavras que só a oralidade permite. Não raro, surgem regras de formação e de enriquecimento lexical. Tais palavras são por isso verosímeis e, geralmente, surgem como um valor semântico acrescentado. (SOUSA: 140)

Percebe-se que Mia Couto, nos seus textos e entrevistas elege como objectivo central contribuir para a (re)construção da identidade de um país que não é uno culturalmente, que vive intencionalmente na desmemória, no esquecimento do passado; como deixou dito em entrevista à revista Nova África de São Paulo, em 2009, há "(...) o material do passado que foi forjado e que é importante agora para construir um futuro (...)

há aqui uma obra muito complicada que é, assim, uma obra de apagamento e uma obra de ressurgimento daquilo que são reescrita desse passado, dos mitos que nos interessam manter."

A construção da identidade em Mia Couto passa pela criação de um mundo onde co-existem a nação dos vivos e a dos mortos, o povo de duas gentes, duas almas, e é aí que a tradição, no seu dinamismo que melhor se espalha pela palavra criadora, se instaura como factor de equilíbrio entre vivos e mortos, entre passado e presente, tornando-se a solução para uma questão aparentemente insolúvel, o santo e senha para o futuro da moçambicanidade que se deseja, que se busca. Essa a razão por que Mia Couto repetidamente considera, por exemplo, ser *Terra Sonâmbula* um livro de viagens, um livro de procura de identidade.

Conclusão:

Convicto de que "(...) a minha língua portuguesa é a pátria que estou inventando para mim" (COUTO 2009: 196), é nesta invenção da pátria/língua que Mia Couto, com a palavra como argamassa, contribui com a sua quota parte para a construção da identidade cultural moçambicana.

A palavra criativa de Mia Couto deve ser perspectivada como um acto militante, profundamente consciente e assumido, de alguém que acredita ter um empenho moral enquanto escritor, de alguém que vê a palavra como arma "(...) contra a indecência dos que enriquecem à custa de tudo e de todos, contra os que têm as mãos manchadas de sangue, contra a mentira, o crime e o medo." (COUTO 2004: 230) Contra tudo isto Couto erigiu um novo mundo da palavra que pretende sustentar/ser os alicerces da identidade cultural moçambicana. Como ele próprio afirma, nos encontros e desencontros de um Moçambique em situação abismal, só reinvestindo na palavra que é o mágico início de tudo (e nisto se adivinha uma acção genesiaca), só investindo na palavra enquanto eterno flamingo anunciador da esperança é possível ir inventando um país chamado Moçambique, reinventando a moçambicanidade.

A palavra criativa de Mia Couto, enquanto elemento fundacional, é a chama, o calor e a seiva que volta a correr nesse tronco de muitos galhos que é o Moçambique multicultural, é o sonho e o cimento precisos à construção de uma nova identidade porque traduz sem trair e une sem rejeitar os sentimentos vários de um país polifacetado no que à identidade respeita, é o elemento de resgate da africanidade e da sua importância na nova consciência, na nova identidade, enfim na nova moçambicanidade, levando a um caminho de esperança futura, feito de 'sotaques do chão', 'seiva vegetal' e de voos esperançosos dos flamingos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COUTO, Mia (2009) *E se Obama fosse africano? e outras Interinvenções*. Lisboa, Editorial Caminho.
- COUTO, Mia (2007) *O último voo do flamingo*. Lisboa, Editorial Caminho.
- COUTO, Mia (2007) *A reinvenção da língua portuguesa*. (<http://newsite.ciberduvidas.pt/articles.php.?>)
- COUTO, Mia (1999) *Vozes Anoitecidas*. Lisboa, Editorial Caminho.
- CRAVEIRINHA, José (2007) "Prefácio à edição portuguesa" in COUTO, Mia. *Vozes Anoitecidas*. Lisboa, Editorial Caminho, pp. 9-12.
- HALL, Stuart (2005) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A.
- HAMILTON, Russel (1998)
- LEITE, Ana Mafalda (1998) *Oralidade & Escrita nas Literaturas Africanas*. Lisboa, Vega.
- LEITE, Ana Mafalda (2003) *Literaturas Africanas e Formulações Pós-coloniais*. Lisboa, Edições Colibri.
- SANTOS, Boaventura Sousa (1997) *Pela mão de Alice. O Social e o Político na Pós-modernidade*. Porto, Afrontamento.
- SOUSA, Luís Manana - "A Intervenção do código linguístico em Mia Couto" in Rev. *Babilónia*, nº 6/7, pp. 127-144.
- VECCHIA, Rejane (2002) "Terra Sonâmbula: a sobrevivência da utopia" in *Abrindo caminhos: homenagem a Maria Aparecida Santilli*. Coord. e edição de benildo Justo Caniato e Elza Miné. São Paulo, Col Via Atlântica, n. 2.